

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO— ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL: 13500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

A VEIRO

ASSOCIAÇÃO ANTI-CLERICAL

Publicamos em seguida as bases sobre que se vai organizar a nova Associação Anti-Clerical, taes quaes foram lidas e approvadas calorosamente na reunião publica de 18 do corrente, sem a menor alteração no texto. Dentro d'estas bases, rigorosamente observadas, adherimos com entusiasmo á nova Associação, mas antes d'isso precisámos de fazer umas certas explicações.

O partido republicano, como algumas vezes temos dito, soffre em geral d'uma grande dose de sentimentalismo e d'uma grande falta de orientação politica, ou scientifica se quizerem. Os que soffrem de sentimentalismo, andam n'isto por corração e não pelas convicções arreigadas e fortes que dão uma norma certa e determinada de conducta. Por conseguinte, como não sabem construir nem educar, vão, por espirito de revolta contra as torpezas das altas regiões, nas manifestações de patriotismo que lhes parecem susceptíveis de estigmatizar a deshonra economica, administrativa e judicial do paiz. Mas largar os velhos preconceitos de creença, é que não largam. D'isso, e da rotina politica secular, não se sabem desfazer. E' o grupo dos bons homens, que entra pela classe que se chama illustrada, d'esses bons homens que tem sido tão prejudiciaes á humanidade como os maus, porque estragam tudo em que se mettem sem aptidões para destruir nem aptidões para edificar, sempre com boas intenções está claro.

Os que soffrem de falta de orientação são os que dizem gostar de reformas sociaes e de reformas religiosas, mas que temem fallar n'uma cousa e n'outra. Chegam mesmo a prestar-lhe attenção de gabinete, chegam mesmo a mandar baptisar os filhos civilmente, mas pregar ás turbas o que acham bom para si, isso é que nem por os diabos. Tem medo da burguezia e da Igreja. Que continue o mundo estúpido, que continuem escuros e confusos os varios problemas politico-religioso-sociaes, contanto que continuem as suas commodidades e que a Republica venha breve. E por isso é para isso, tem muito cuidado em distinguir bons padres de maus padres e o jesuitismo do clero. Não sabemos se este grupo ainda é peor do que o outro!

Ora nós, e não nos accussem de immodestos porque a necessidade de precisar as cousas é que nos leva a fallar nas nossas individualidades, não gostámos nem d'um grupo nem do outro. Nós julgámos que o primeiro dever d'um republicano é ter uma politica definida e certa, fallar alto e claro para que todos o ouçam e entendam, esclarecer os seus meios e o seu fim de forma que não haja duvidas n'um hesi-

tações para ninguém: Então esente-nos quem quizer ao entrarmos para a nova associação.

Nós somos profundamente materialistas; nem a propria escola positivista nos serve. Nós somos a negação de tudo quanto é sobrenatural e deista. Para nós não ha clero bom nem clero mau; é todo mau. Respeitamos o padre como homem e até temos com alguns relações de amizade; mas entre ser padre e não ser padre não ha meio termo. O padre ou é um inimigo da liberdade e da sciencia ou mente á religião que defende. Por isso não queremos padres, porque não queremos victimas. O padre no fundo é uma victima triste da grilheta que lhe ataram ao pé.

Não ha da mesma forma distincção para nós entre jesuitismo e clero. O clero é o jesuitismo; o jesuitismo é o clero. O confessor e o mestre estão aqui e alli.

Porém, como a liberdade e a tolerancia são um credo para nós, não pretendemos suffocar creenças alheias para que as nossas prevaleçam. Queremos que os nossos principios vençam pela persuasão. E para isso o que é necessario? E' necessaria uma propaganda tenaz, poderosa e bem dirigida. Ahí é que está a condemnação que votámos a esses republicanos que dizendo-se livres-pensadores fogem de propagar e defender os seus principios, separando com cuidado o jesuitismo do clero e poupando religiosamente a Igreja com o proprio Papa. A Igreja é uma grande força social? Também a monarchia é uma grande força social. Então não combatam a monarchia, se poupam a Igreja pelo seu poderio. Não ha grandes forças sociaes que não caiam aos embates formidaveis da civilização.

Resumindo: Se a Associação Anti-Clerical é anti-clerical, como diz o seu nome, e não faz distincções entre clero bom e clero mau;

Se a Associação Anti-Clerical é respeitadora de todas as escolas, mas tende unica e exclusivamente á secularização como norma do Estado;

Se a Associação Anti-Clerical procurar pela propaganda, como dizem as suas bases, emancipar todos os espiritos de todos os principios religiosos e especialmente do catholicismo, nós estamos alegres e entusiasticamente com ella. Se não, não. Sairemos de lá com a mesma serenidade com que entrámos. Mas esperámos não sair.

Seguem as bases, taes quaes a assembléa as applaudiu o approvou:

A ideia da fundação d'uma sociedade anti-clerical não é nova em Portugal. Tem sido apresentada e debatida algumas vezes, tem começado mesmo a ser posta em execução com varias alternativas de successo e insuccesso. Não remontando já ás associações liberas de Coimbra e Porto, onde predomina o espirito anti-clerical, mas que por circunstancias d'atrazo peculiares á nossa terra não tem sabido investir ousadamente com o clericalismo, mencionaremos as tentativas louvaveis, e com principio de applicação, d'alguns cavalheiros conhecidos no movimento democra-

tico, que chegaram a fundar em Lisboa a Associação dos Livres-pensadores.

Foi no jornal a «Vanguarda», julgamos, que surgiu a ideia da sociedade. A ideia foi por deante, foi posta em pratica, mas a Associação teve vida efemerica e curta. Porque? Porque se não fazia sentir a sua necessidade em Portugal, ou porque, segundo um escriptor, teve de lutar com a indolencia da maioria, com a má vontade de muitos e a guerra surda d'alguns? O primeiro caso é desalentador, e o segundo é desolador. Desalentador, porque indica a decadencia intellectual e moral do paiz, se não comprehende que é chegada mais do que nunca a occasião de combater os inimigos da civilização; desolador, porque indicaria um abatimento de caracteres, o indifferentismo que é prenuncio certo da morte das raíonalidades; uma luta intestina de paixões e despeitos que são a anarchia e a esphacela. Ao das sociedades. Entretanto, talvez que as causas da morte d'aquelle grémio estejam n'outra parte. Seja como for, os iniciadores d'esta reunião mettem hoje, por sua vez, hombros á empresa, resolidos a lutar, com dèpoto e coragem pelo levantamento intellectual e moral do paiz, n'uma guerra incessante e sem tréguas contra os inimigos do progresso, consciões de que encontram apoio e incitamento em todos os espiritos liberas que são muitos. Se se enganarem, se se virem abandonados e só, terão, nas horas amargas d'uma nova e cruel desillusão, o pequeno consolo da tranquillidade da consciencia propria por haverem ao menos protestado alto e publicamente contra a inercia geral dos seus compatriotas.

O nome—Anti-clerical—parece-nos o mais adequado n'este instante á Associação projectada. Contra o clero, contra estas phalanges romanas, mil vezes mais prejudiciaes do que as antigas phalanges guerreiras; porque se estas derroiam a independencia dos povos, juncando os campos de cadaveres em combates leaes, aquellas matam o futuro das nacionalidades, substituindo o azar da guerra declarada e franca pelo triumpho certo do veneno, ministrado a todos secretamente no confissionario e na alcova, sem distincção de mulheres, de creanças e de invalidos. Enquanto as phalanges romanas levavam aos povos incultos a luz da sua civilização, o brilhantismo da sua litteratura e dos seus codigos, estas modernas phalanges de Roma escondem-se na escuridão da terra como escaralchos a sugar o seiva da planta mimosa e bella que se ergue para o ar. Enquanto o antigo militarismo de conquista visava os peitos dos homens mais fortes e saos, este moderno militarismo de farda negra e chapéu de borlas, apraz-se em triturar o espirito da mulher e da creança, como se fosse linhaga em almofariz de bronze.

E' pois, contra essa milicia terrivel que se devem voltar todos os nossos ataques. Anti-clerical, isto é, contra o clero, contra os jesuitas, contra os soldados de Roma, que não cessam um instante de combater a liberdade em tudo e por tudo.

Convictos de que o movimento philosophico é a base do movimento politico e do movimento social, de que sem a libertação do espirito individual não ha a libertação collectiva nem as garantias economicas necessarias á vida, desejariamos propor desde já que a designação da nova sociedade envolvesse um caracter mais amplo no caminho philosophico. Mas seria possível que não oblissemos a concentração de forças necessarias ao fim que pretendemos, meditando esta ou aquella escola. A associação anti-clerical não deve ser monarchica nem republicana, nem positivista, nem materialista; deve ser o grémio de todos os que pretendem desde já a independencia da lei civil e a emancipação dos principios religiosos, em especial do catholicismo. E para affirmar esta ideia, entendemos que se deve pedir aos associados a observancia rigorosa do registro civil e aconselhar a cada um que deposite nas mãos do presidente da assembléa a declaração mais manifesta e provativa de livre pensamento, a declaração de querer ser enterrado civilmente. Assim não passaremos pela triste decepção de presenciar incoherencias sempre prejudiciaes e sempre criminosas.

A mulher foi sempre o elemento in-

consciente e ego do padre em todas as manifestações da actividade febril da egreja contra as conquistas da sciencia social. Arranquem ao padre a mulher e a creança, que o padre cahirá fulminado pelo horror da sua propria obra. Mas como os homens geralmente, por um egoismo condemnavel, por uma indolencia revoltante, por uma ignorancia profundamente lamentavel abdicam em completo na mulher a educação moral dos filhos, fica sendo aquella a unica alavanca dos clericaes nos seus trabalhos exercitandolos. Então o seu maior interesse é conservar a na dependencia constante em que tem vivido ha seculos.

Diz-se que o christianismo deu á mulher a liberdade. E' um erro. O christianismo seduziu-a no principio com fugidas concessões, como seduziu todos os fracos e humildes; mas no fundo negou-lhe a independencia, a emancipação, a liberdade que a antiga civilização grega e romana já lhe havia recusado. Ainda hoje persiste lenazmente n'este campo. Quem combaté o divorcio, esse grande principio de moral, esse grande principio libertador? E' o padre. Quem combaté a indagação da paternidade, esse grande principio de moral, e de responsabilidade? E' o padre. Quem mais de que o padre celibatario, de que o padre inimigo do divorcio, de que o padre inimigo da indagação da paternidade, proteje a prostituição official, ou não official?

Portanto, senhores, arrancar a mulher á influencia clerical, parece-nos o mais bello serviço prestado á civilização moderna. Emancipar, libertar esse cerebro escravo, o um grande trabalho da democracia contemporanea. Por isso nós propomos que a mulher possa ter assento n'esta assembléa, com voto deliberativo e consultivo, finalmente com os direitos e deveres de todos os outros socios. Se é util a luta das ruas, que grava na historia as conquistas politico-sociaes-religiosas, mais util é a luta da familia que nos prepara o terreno, tão util que bem comprehendida dispensaria a outra. E ahí o lutador é a mulher. E' justo e necessario pois que a associemos aos nossos trabalhos de emancipação religiosa.

Deste já lembramos a conveniencia da publicação d'uma Revista Anti-Clerical, revertendo as receitas em favor do cofre da Associação. De resto a Associação propôr-se-ha o estabelecimento de filiaes em todos os pontos do reino onde possam ter logar; o auxilio aos livres pensadores perseguidos pela intolerancia do estado; socorros pecuniarios aos que quizerem usar do registro civil e não tiverem recursos para isso; apoio decidido ás escolas livres e seculares que se fundam no paiz; a realização de conferencias ou comicios publicos quando as circunstancias o exigirem; velar rigorosamente a lei civil; a publicação de pamphletos, livros ou relatorios anti-clericaes; fazer o arrolamento das escolas jesuitas em Portugal, com os bens nacionaes que lhe tem sido cedidos e a analyse dos seus livros, dos seus methodos d'ensino, do numero de creanças que as frequentam até onde for possível a nossa investigação e segundo os meios de que dispozermos, etc., tudo regulado pelos respectivos estatutos.

Não terminaremos sem fazer um ultimo apello ao vosso patriotismo e á vossa actividade. O tempo urge. Bem vedes que ou a iniciativa individual se ergue poderosa a combater face a face os progressos do jesuitismo, ou estamos irremediavelmente perdidos porque n'este ponto nada temos a esperar dos governos d'esta terra. As ultimas resoluções da camara e do poder executivo não deixam duvidas a tal respeito.

Invoca-se a liberdade na tolerancia dos institutos jesuiticos. E' preciso destruir esse sophisma. Alguns codigos absolvem o duellista que mata o seu adversario em campo rasos; mas nem um só deixa de condemnar o miseravel que esfaqueia um cidadão inerte e desarmado ao voltar d'uma esquina. A covardia, nos codigos militares, nos codigos civis e na consciencia universal, é o maior estyigma que cabe nos individuos. Ora enquanto nós combatemos a descoberto com espada d'ago fino, o jesuita combaté como o indio na selva, armado de veneno e de punhal. Enquanto as outras sociedades são vigiadas e fiscalizadas pelos agentes da lei e da segu-

rança publica, as sociedades jesuitas estão fora d'essa alçada. Por conseguinte são um verdadeiro Estado dentro do Estado e o jesuita é, nos seus processos, a covardia legal e moral individualizada. Se o phylloxera se mata, se o escalracho se corta, porque se não ha de eliminar o jesuita?

Eis as bases que tinhamos a propôr-vos.

OS PADRES E A PROSTITUIÇÃO

V

«Não é preciso dizer o que eram os jesuitas ha duzentos annos. Pasca! descreveu-os admiravelmente n'um pamphleto immorttal, que é uma das obras primas da litteratura franceza. Temos todos presentes no espirito essas citações em que o ridiculo disputa o lugar ao odioso. Sabemos todos de que se compunha essa moral: — de reticencias secretas, de compensações occultas, de duvidas, de peccados philosophicos, de probabilismos e amphibioogias. Ninguém ignora quanto os principios moraes foram desvirtuados e adulterados e o estado de entorpecimento e enervação a que chegou o livre arbitrio.

No fim do século deoitavo, as doutrinas jesuiticas são um pantano em que debalde se procura um bocadinho de terreno firme. Nos tempos actuaes encontramos por toda a parte a confirmação absoluta do *sumus tales quales*. A sua moral é invariavel. Ficámos attonitos dos principios moralistas que propagam na cadeira da escola e do livro. E eis ahí os homens que se apontam como a ancora de salvação na corrente revolucionaria que arrasta a humanidade.» (Paul Bert—Discours parlementaires.)

Esta desmoralização medonha permaneceu em todas as classes sociaes, principalmente nas classes elevadas onde o clericalismo encontra o seu maior apoio.

N'esta occasião lembrámos-nos d'um facto engraçado que um dia nos fez rir alegremente. O auctor d'estas linhas passeava em Cintra com tres dos seus amigos, um dos quaes é padre por signal. Que o padre nos perdêe!! Entrámos no palacio real. Apareceu-nos um velho d'aspecto rigido, severo, d'etiqueta palaciana que nos serviu de cicerone. O velho aproveitou tradições ligadas a cada sala para fallar com largueza e algum conhecimento sobre a historia patria. Chegámos a uma alcova estreita e fria. O velho continuou impavido, com o mesmo ar rigido d'etiqueta:—«Aqui estava prezo D. Afonso VI. Acolá de frente occultava-se o conde de Castello Melhor com quem se correspondia. Este rei foi victima da degradação de sua mulher, que o expulsou do throno para casar com seu proprio cunhado, o irrfante D. Pedro. Chamava-se Maria Francisca e por isso as mulheres publicas ficaram sendo conhecidas pelo nome de *Marias Franciscas*.»

Recebemos com uma gargalhada estrondosa o remate d'este trecho historico, e o velho sorriu-se tambem levemente, a uni-

ca vez que perdeu a sua seriedade marmorea, quando um dos visitantes replicou: — então essa mulher é com certeza uma das rãs das grandes glórias nacionais.

Uma gloria nacional, uma gloria jesuitica, que poz o marido na rua para casar com o irmão, com applauso de sua santidade! Sim, porque sua santidade approvou o divorcio e approvou o consorcio com Pedro II!

Depois das gentilezas d'essa Maria Francisca tivemos as gentilezas de D. João V, o rei gulante e devoto, que para maior amor de Deus e do proximo passava as noites nos conventos das freiras. E por ultimo tivemos as gentilezas d'ontras Marias Franciscas, Carlota Joaquina e suas filhas, tenazes defensoras do catholicismo, mas tenazes propagadoras dos prazeres sensuaes e não sabemos se de mais alguma cousa.

Eis pelo que toca á historia patria. Sobre a historia estranha escusámos de acrescentar notas ás que já temos exposto. Bastará recordar o Parc-aux-cerfs de Luiz XV e as licenciosidades de Maria Antoinette nos tempos modernos; e as lascivias de Izabel de Bourbon nos tempos actuaes, lascivias que o espirito dos hespanhoes caracteriza tão bem na maneira engraçada porque trata Alfonso XII: — *el hijo de su madre*. Todos esses foram apoios poderosos do catholicismo.

Julgámos, pois, ter demonstrado que a desmoralisação de costumes foi enorme com a influencia clerical e que só começou a declinar com a propaganda revolucionaria. Julgámos ter provado até á evidencia que o padre, jesuita ou não jesuita, foi sempre um agente consciante e inconsciente da prostituição.

Só os ignorantes é que fallam na relaxação dos costumes contemporaneos para recordar a pureza dos costumes antigos. Nunca a moralidade teve o culto que tem hoje, devido aos principios de independencia, de trabalho, de responsabilidade, que nos trouxe a revolução; culto que ha de crescer na razão directa da boa comprehensão das idéas democraticas.

Resalta evidente das estatisticas que a ignorancia é o maior elemento do vicio e do crime. O homem ignorante é uma besta que se move ao sabor das suas paixões. O clero põe-lhe como unico freio aos defeitos da sua natureza a crença n'um poder sobrenatural e o temor das penas eternas. Mas a crença faz d'elle o automato selvagem que se irrita e não sabe conter as provocações dos instinctos animaes; as penas eternas fazem-no confiar na suavidade do confissionario, sempre prompto a perdoar e a afrouxar. Depois, não pode elle comprar os gosos celestiaes por dinheiro, depois de ter obtido os gosos da terra? Roma vende tudo.

A educação, a illustração, o saber, tendem, pelo contrario, a elevar o homem acima da besta. O homem torna-se conscio da sua dignidade, da sua responsabilidade, da sua identidade psicologica da grandeza da sua especie, e apraz-se em voar n'uma pura e verdadeira aristocracia moral, com

tedio pelas baixezas da parte do mundo bestializado. Engrandecese aos seus proprios olhos, adquire uma viva sympathia pela sua propria personalidade e é essa sympathia que se traduz na magnitude do seu brio e do seu pundonor. Assim como a educação palaciana torna o homem mais suave e brando no tracto, assim a educação intellectual o torna mais puro e suave no convivio da dignidade. Assim como a mulher se alegra e orgulha de ver a sua belleza physica n'um espelho de aço polido, assim o homem superior se alegra e orgulha de ver a belleza dos seus sentimentos moraes espelhada na sua consciencia. Portanto, a honra, o brio, a moral, hão de subir necessariamente com o nivel intellectual da humanidade, e esses idiotas que accusam o progresso de dissolver os espiritos, não tem imputação, porque não sabem o que dizem. Veem um escandalo levado pela imprensa a todos os cantos do terra, avolumam-no na sua ignorancia e concluem que vivemos n'um pantano de torpezas. Nem ao menos reparam que essa enorme publicidade a que o progresso nos levou, é exactamente o maior estygma do erro e o maior castigo do vicio.

O celibato e o confissionario são os maiores agentes da prostituição. O padre celibatario ou morre torturado pela hypochondria, pela epilepsia, pela monomania, por todas as doenças horribéis que a sciencia aponta nos que se abstem dos prazeres sexuaes, ou procura-os nas relações secretas de que sahe a prostituição. Ora se a continencia absoluta e perpetua nos homens é impossivel segundo alguns physiologistas, não é preciso mais nada para provar que o padre é o maior elemento conhecido da prostituição. O padre em contacto com a mulher no confissionario, é o mesmo que a estopa em cima do lume: — arde nos prazeres da sensualidade.

Demonstrada e provada a nossa these terminaremos com as palavras do celebre medico Debay:

«E' aos sabios moralistas do seculo dezoito que se deve a regeneração social. Estes bemeiteiros da humanidade atacaram e destruíram, um por um, todos os prejuizos, combateram corpo a corpo a hydra das superstições, fructo monstruoso da ignorancia; derrubaram os abusos e, derramando abundantemente a luz sobre o povo, *depuraram os costumes* e abriram o caminho natural, por onde hoje progredimos.»

ASSASSINATO DE UN PORTUGUEZ

Os jornaes do Pará trazem-nos a noticia d'um covardissimo assassinato perpetrado pela policia d'aquella cidade na pessoa d'um nosso compatriota. A imprensa é unanime em estigmatizar o auctor do attentado, um agente de segurança publica, que apunhalou traiçoeiramente um portuguez indefez e com a circumstancia agravantissima de ser no proprio domicilio da victima.

Protestámos com toda a força da nossa indignação contra o canibalismo da policia paraense. Ao governo de Portugal cumpre levantar a affronta, para que não seja taxado de pusillanime. É uma questão de assassino revestido de uma crueldade selvagem, e que envolve ao mesmo tempo a questão de dignidade nacional. Tem pelo seu lado a justiça e o clamor unisono da imprensa paraense que fulmina em phrase vigorosa a ferocidade dos assassinos officiaes, para desviar dos filhos do Pará a noção d'um crime que levantou profunda indignação n'aquella cidade.

Hoje não temos espaço para nos espraíarmos em muitas considerações sobre o grave acontecimento nem para transcrever d'um importante jornal paraense todas as peripecias do crime, o que faremos no proximo numero. Não queremos, porem, espaçar mais um protesto energico, levantando bem alto o nosso grito contra a facanha ignobil dos assassinos do nosso compatriota.

Carta de Lisboa

24 de julho.

Na minha ultima carta cantei gloria e victoria pela fundação de um gremio anti-clerical, que me parecia destinado a uma vida esplendorosa e a prestar relevantissimos serviços á civilisação portugueza. Não costume ser muito ingenuo nem muito optimista; mas se-lo-ia d'esta vez n'esses cantos de victoria? Não sei; no entretanto vejo indícios de se querer desvirtuar o caracter da futura associação, o que provará de novo, e pela ultima vez sem duvida, a falta de convicções, de orientação, de tino, e mesmo de saber, de certos democratas conhecidos. Se tal facto se der, tem ainda a propriedade de abrir novas incompatibilidades entre varios homens que deveriam marchar unidos n'esta santa cruzada da democracia, e de provar evidentemente ao povo que a razão está do lado dos que affirmam que se não podem fundar empresas grandiosas n'esta terra por causa da *indolencia da maioria, da má vontade de muitos, da guerra surda d'alguns*. Ora essa *má vontade* de muitos estou eu a ver manifestar-se abertamente contra o novo gremio que se destina a combater os clericos.

Não ouço senão dizer aos dirigentes, a certos *philosophos livres pensadores* que é mais alguma cousa, que se não deve combater a religião! Seria bom replicar-lhes o que um membro do directorio republicano replicou um dia a outro tratando-se do mesmo assumto: — olhe lá e não é tambem um erro combater o Paço?

Eminencias do partido republicano a quererem transigir com os preconceitos, com os absurdos, com os erros da religião catholica não dão vontade de rir, porque inspiram uma tristeza profundissima. Demonstrem que o seu fim não é emancipar o espirito popular, da escravidão em que vegeta, esclarecê-lo, illumina-lo com a luz da razão e da

sciencia, mas sim empolgar o poder pelo meio mais rapido e expedito, ou seja bom ou seja mau. Não tem paciencia para esperar, não tem coragem para travar combates athleticos em que se lhe vá a saúde, a tranquillidade ou a propria vida. O que os seduz é a commodidade propria n'esse *laissez aller* que tão terrivel tem sido á sociedade portugueza. Ou então são d'uma ignorancia pasmosa! Ou são maus ou são ignorantes! Qualquer dos casos é deploravel para a propagação da democracia.

Apontam exemplos estranhos! Se elles conhecessem os discursos e as proclamações de Ferry, o idolo que os cega n'este instante, nos ultimos annos do imperio e nos primeiros da Republica, ficariam horrorizados da sua transigencia e fraqueza de momento, ao pé das ousadas e valentes affirmações anti-clericas e livres-pensadoras do politico francez. Fallam de Gambetta! A politica de Gambetta, tão radical, tão livre pensadora na primeira parte da sua vida publica, foi anti-democrata ultimamente; mas ainda assim nunca deixou aquelle vulto de repetir altivamente a phrase celebre: — *le clericalisme, voilà l'ennemi*, phrase generica, sem excepções nem temporisações. E se quizerem ler os discursos actuaes de Paul Bert e Naquet, dois amigos e discipulos de Gambetta, verão o que são affirmações ousadas de livre pensamento.

O que é facto, é que em Franca nem um só republicano deixou de investir os clericos com energia e valor no tempo do imperio; alguns modificaram-se no poder, abandonando os radicaes, que já estão bem perto do governo, fieis aos seus principios. Mas nem um só, note-se, deixou na opposição á monarchia, de combater o clericalismo *à outrance*. Ora se os nossos republicanos tem medo hoje de investir com elle, *para não perderem votos*, quando forem ao poder chegam a protegê-lo mais do que os proprios regeneradores. Que se alegrem os padres!

Esta de se não fallar na religião para não assustar o povo é celeberrima. Chega a ser incrível. De maneira que são uns especuladores que andam aqui a ludibriar o paiz. O seu fim não é fallar a verdade ao povo, não é instrui-lo sobre os varios problemas da administração e da politica, não é apontar-lhe o bom caminho para que elle o siga se quizer; é excitar-lhe as paixões, é irritar-lhe os vicios, é adula-lo, é lisongear-lo para que elle por sua vez os adule, os lisongee e lhes favoreça os interesses!

E' certo que a nova Associação não deve ter caracter politico, porque o movimento philosophico é diverso do movimento politico ainda que concorram ambos para o mesmo fim; é certo que deve aceitar gente de todas as procedencias politicas; é certo que deve respeitar todas as crenças, procurando destrui-las pela propaganda. Mas o que é certo tambem é que não pode aceitar catholicos, nem protestantes, nem mahometanos, porque ella no fun-

do é contra todas as religiões; o que é certo é que ella no fundo é civil e nada mais; o que é certo é que não pode ser destinada a combater unicamente os maus padres, ou o mau clero, porque então converter-se-hia n'uma associação capaz de prestar relevantissimos serviços ao catholicismo e de que deveriam fazer parte todos os padres do paiz. O seu fim exclusivo é mostrar ao povo que todos os principios religiosos prejudicam a humanidade. Depois, que diabo tem o partido republicano com a Associação ou que diabo tem ella com o partido, para que as eminencias democraticas lhe queiram desde já desvirtuar os intentos generosos? São duas cousas inteiramente á parte.

Foi com estas idéas que o sr. Magalhães Lima e um outro individuo lançaram os fundamentos da Associação, porque foram esses individuos, note-se, os unicos que a iniciaram, propozeram e fundaram. Se o sr. Magalhães Lima está disposto a consentir que desvirtuem a sua idéa, não sei; o outro é que não está; a porta da rua fica aberta. Fallaremos.

A commissão encarregada de organizar os estatutos ficou composta dos srs. Consiglieri Pedroso, Azevedo e Silva, Ernesto Loureiro, Theophilo Braga e Antonio de Castro. Os dois ultimos são de um radicalismo accentuado em materia religiosa e politica, mas o primeiro está no Minho. Infelizmente não pode entrar n'estes trabalhos.

Carta da Bairrada

24 de julho.

Esteve em Anadia, de passagem para a synagoga do Porto, o deputado vitalicio por este circulo, sr. Luciano de Castro. Acompanhava-o o sr. Henrique de Macedo, que não sabemos se é da vida nova, se da velha. Em todo o caso a procissão foi curiosa, e o Porto teve occasião de assistir a mais uma pelhaçada ridicula entre os homens da vida nova e os da vida velha, entre os que foram apedrejados em Lisboa e hoje são os heroes da festa, os promotores d'aquelle *pandemonium*, um digno epilogo de todos os accordos indecorosos em que a grey progressista se tem envolvido... *Finis coronat opus*.

A synagoga do Porto foi esphacelar por uma vez o partido progressista. E d'esta feita não será o sr. Bramcamp o seu co-veiro; esse papel representa-o admiravelmente o sr. Correia de Barros, o tal apedrejado, o tal que ia na commissão salamanqueira de 1882 e de quem um jornalista da vida nova fez o seguinte retracto:

«As pedradas deviam ter acertado em cheio no mais pequeno de estatura e mais corpulento de malicia, no vil especulador e vilissimo renegado do seu partido.»

Quando um partido chega a este charco, quando, qual orgulhoso Sicambro, adora o que hontem queimou, e queima o que hontem adorou, está mais que annulado, está morto.

roga os algoses dos templarios e dos Huguenotes, evoca a sombra impura do devasso desflorador das virgens, do infame Luiz XV...

Olha o presente que o passado já vae longe.

Como o presente é bello e quantas esperanças encerra o futuro!

Fica de atalaya, bella amazona, vigia o fero allemão que se perde em calculos inextricaveis com as suas metralhadoras e os seus krupps.

Mais uma vez desfralda ás virações da tarde e ás brisas da manhã o teu estarte tricolor!

Possam as gerações presentes e vindouras seguir o teu lema: — liberdade, egualdade perante a lei e fraternidade entre todos os homens!

Aveiro 12—julho—1885.

TITO MANSO.

FOLHETIM

A TOMADA DA BASTILHA

14 DE JULHO DE 1789

Em Paris corria o boato de ter sido demittido o ministro Necker. Camillo Desmoulins corre ao Palais Royal, sóbe a uma meza e de pistola em punho, exclama: — Cidadãos, expulsaram hontem Necker por ser adversario ao partido de Antonieta, prepara-se uma matança aos patrietas! A's armas cidadãos, adornemos nossos chapéos com laços verdes, a cor da esperança. A's armas! É a multidão á falta de fitas verdes

despojava as arvores das suas folhas, bradando frenetica—às armas!

A grande massa de povo que cada vez mais engrossava extraordinariamente dirigiu-se ao edificio dos Invalidos onde se apoderou de vinte e oito mil espingardas!

Depois, um unico brado se fez ouvir: —A BASTILHA!

Com effeito a Bastilha, antigo castello feudal, então convertido em prisão do estado, com suas pontes levadiças, fossos, carceres subterraneos, immundas masmorras, era o symbolo da tyrannia exercida durante longos seculos sobre a pobre humanidade. A sua guarnição compunha-se d'uma centena de invalidos e de alguns guardas suizos.

Era mister haver em poder a Bastilha, poisque a sua artilheria dominava quasi toda a cidade. Um ponto estrategico de tal ordem era muito necessario nas circumstancias em que se achava a guarda franceza a fazer face d'um para

outro momento aos regimentos estrangeiros (infanteria suiza e cavallaria allemã) que a graciosa rainha de Franca havia tido a bondade de mandar vir a Paris com o fim de fazer sentir ao coração francez a agudeza das baionetas bem temperadas....

A onda popular enfurecida arremessou-se com bravura ás paredes d'aquelle monstro de pedra abaixando heroicamente sob uma chuva de ballas a primeira ponte levadiga. Enquanto que protegidos pelas setteiras, pelas vigias e pelas barbacans os invalidos combatiam com segurança, o povo cá em baixo era fusilado espantosamente n'uma lucta desigual e temeraria.

Entretanto as guardas francezas fraternizadas com o povo chegavam com algumas peças de artilheria e uma deputação foi enviada a Delauney, governador da Bastilha para que entregasse já forteza cessando assim este combate fratricida.

Delauney vendo-se perdido e temen-

do a justa vingança dos populares teve uma idea sinistra.

Pegou em um morrão acceso e dirigiu-se para o paiol onde eram guardadas 35 barricas de polvora. A quinze passos antes de chegar á primeira barreira foi delatado por terra por dois soldados da guarnição que lhe cruzaram as baionetas sobre o peito.

Delauney era obrigado a renunciar ao seu projecto... A Bastilha estava tomada....

Salvê dia 14 de julho!

Salvê data memoravel que representa a resurreição d'um povo e annuncias o raiar da liberdade! Salvê!

E tu Franca, linda patria de Rolande Clovis! qual a razão porque o crystal de teus rios se converteu em ondas de sangue e porque os teus olhos se tornaram em duas fontes de lagrimas?... Ergue as lousas dos tumulos, inter-

Exultem os povos da freguezia d'Ancas! O astuto pastor que os levou a uma escriptura publica para lhe ser garantida uma determinada congrua, e que é o director da confraria do Coração de Jesus, um coito jesuitico de que já nos occupámos neste jornal, está a empregar todos os empenhos e esforços para ser provisto na igreja de Sangalhos, concelho d'Anadia.

Diz-se que o illustre deputado do circulo é o patrono d'aquelle reverendo ambicioso e jesuita, e que o despacho se fará certamente em seu favor, na esperanza de arrebanhar mais um padre para a galopinagem eleitoral da Baurrada.

Cuidado, porém, com a conquista, attendendo a que a preza de que querem lançar mão, não é muito facil de contentar. Haja em vista o que se passou em Aircas, onde o reverendo desenvolveu uma sede de ambições que indignou toda a povoação.

Não terá conhecimento dos factos passados na freguezia d'Ancas o illustre prelado d'esta diocese? E serão esses factos que não de abonar o pretendente da igreja de Sangalhos?

Estamos para assistir ao desfecho d'esta empreza; no entretanto para a povoação d'Ancas é uma fortuna ver o padre pelas costas.

Carta de Chaves

23 de julho.

Mais um assalto á bolsa do Zé Povinho, effectuado pela coija jezuítica.

Como sabem, um tal padre Manoel, jezuíta dos quatro costados, é aqui o director da mais recida e repugnante das reacções clericas, sob cuja acção mortifera algumas consciencias debeis e innocentes teem já succumbido— para honra da religião de Roma, e gloria dos seus fidelissimos escravos, os dignos governos d'el-rei, a quem os negocios de Portugal preocupam tanto, como a mim os acontecimentos que se dão agora á superficie da Iaa. Adiante. O supra-citado padre Manoel não saciado com ter feito um mal enorme aos povos d'este concelho, fanatisando-os e embrutecendo-os sem dó nem piedade, houve por bem, ultimamente, deliberar (á semelhança do seu caro confrade— o do cavaquinho—) em sua alta sabedoria jezuítica, que os mesmos povos podiam e deviam pagar... para a pescada. E dito e feito. Arranja (não sei se elle é tambem regenerador) uma porção de manifestos ou, para melhor dizer, de pasquins, e bem nojentos, fabricados pelo Apostolado do Coração de Jezus, e distribue-os pelas principaes das suas zeladeiras, que—liga-se de passagem— desempenham os respectivos cargos ás mil maravilhas. Os taes pasquins exhortam ferozmente o desgraçado povo a dirigir-se «em espirito» a Roma: fazendo umas tantas rezas, confessando-se, etc. e— sempre o mesmo epilogo!— dando cada pessoa a esmolinha de 20 réis, quantia que, como era de esperar, podem os fiéis multiplicar pelo numero de parentes vivos e defunctos, e até de quaesquer outras pessoas, por cuja intenção a queiram offerecer. O fim de tal subscrição é (no dizer dos pasquins) justo e santo: auxiliar Roma na guerra (santissima) declarada aos ímpios e herejes de todo o mundo.

E, com effeito, Zé Povinho tem caído com muitos vintens, que bem precisos lhe eram para comprar de pão.

Mas isto é uma pouca vergonha, uma infamia, um crime, a que urge dar-se immediata e energica punição. E' um roubo feito em nome de Christo. E' um ataque covardé e traçoieiro á dignidade do honrado povo portuguez a quem só não falta... paciencia.

Povo, alerta! A's armas contra todos os exploradores da tua bondade e da tua miseria!

Guerra de morte ao jezuita! —E que tal o joven capellão cá da Santa Casa da Misericórdia, que disse algures, n'um d'estes dias, que não dava roupa alguma sua a fazer ao alfaiate C. por elle ser republicano e ter promovido a venda das «Cartilhas do Povo», n'esta localidade?!...

Com que então o menino tem medo da Republica!...

Ora ande lá, que para outra vez apanha um puchãozinho d'orelhas, seu anjinho...

Ivo Telles.

PARA RIR

Vámos variando de calinadas para que os leitores continuem distrahiridos.

Calino escreveu que o seu voto não é livre. Jurou-o e prometeu-o ao Mendes Leite, porque o Mendes Leite fez o pae thesoureiro da alfandega em 11 de agosto de 1852 e a elle segundo official do governo civil de Aveiro a 1 de junho de 1875. Mas o Mendes Leite é regenerador e elle é constituinte!

Cuidado com o osso sr. Dias Ferreira. Não lhe dê o osso sem lhe apanhar o voto. Olhe que elle vota contra si, apesar de ser Calino.

Mas elle tinha desprezo pela frieza glacial e sobranceira do nosso deputado em cortes. Porque é que fundou então papel para defender aquelle deputado? Porque vendeu a alma ao diabo na sua qualidade de empregado publico.

Não lhe dê mais ossos, sr. Mendes Leite, olhe que elle agora vendeu a alma ao Zé Dias, o tralante. Cuidado, sr. Gustavo, continue a ser ínnorio. Olhe que esse maroto amanhã vende a alma ao Manuel Firmino, e o Zé Dias fica sem alma, sem dinheiro e sem jornal. Demais elle vende-se por dez réis. Até é capaz de se vender aos republicanos se lhe derem um vintem! Pois elle disse:— se eu pedosse livremente votar votava em Latino Coelho e Oliveira Martins; materialmente voto em quem o Mendes Leite quizer. Por conseguinte vota nos republicanos, nos progressistas, nos regeneradores, e nos constituintes. Algum ha de ficar sem voto. Aquillo é de quem mais der e lhe apertar melhor a cabeçada.

Cuidado, sr. Gustavo, olhe que elle é Calino, mas o ditado diz que os tolos não são tolos para a maroteira. Aperte-lhe o freio e não o largue d'olho. Nós vámos ver se elle nos quer vender o verso. E' porco, mas a natureza humana adora tanto a variedade!

Agora ouçam estas, a proposito do banquete progressista no palacio de Crystal:

«Ao pé das flôres postas na meza por Jeronymo Monteiro da Costa, e das postas de carne fumegante, e trépida, a oratoria intrepida dos conyivas jurou fintarse em civismo para derrotar a hydra— o deficit, e derrubar á fundada com os melhores seixos do surrao o gigante philisteu do ministerio, o tal menino da corôa de bicos, que tem por semelhança posto em balanças a corôa, gastando muitas meias corôas, e augmentado os innumeraveis bicos das nossas inconsuteis receitas»

Isto em artigo de fundo! Chega a ser repugnante. Calino no campo da dignidade é asqueroso, em litteratura é um sujo. E no fundo é um garoto em toda a parte! Que mais queremos?

NOTICIARIO

Os gatunos manifestaram-se ahí por algumas gentilezas, que

accusam bastante arrojo: introduzem-se nas casas, fazem mão baixa no que lhes convem e põem-se ao fresco.

Nas noites de quarta e quinta feira d'esta semana foram praticados cinco roubos. Os ladrões surripieram objectos de ouro, dinheiro e roupas. Alguns inqueletos tem frustrado outras tentativas surprehendes-lhe os tarapios que davam logo ás de Villadiogo.

A cidade está infestada por uma quadrilha. A auctoridade administrativa fez prender dois individuos suspeitos, um dos quaes é extranho aqui e em quem nos consta foram encontrados vestigios de criminalidade. O facto da precisão dos assaltos ás casas levamos, porém, a crer que alguns delinquentes são d'esta cidade.

E' certo que vivermos á mercê dos malfeteiros. Sem policia a auctoridade administrativa é impotente para nos garantir alguma segurança. Enquanto outras povoações de muito menores importancia tem um corpo de policia, Aveiro ainda não mereceu aos seus capitães-môres e muito especialmente ao sr. governador civil esse melhoramento.

E' pena que os ladrões não tenham invadido as casas d'esses capitães-môres.

Partiu hontem á noite para o cordão sanitario uma força de 98 praças de cavallaria 10, que se destina a guarnecer a fronteira em Salvaterra.

Os guardas do real d'agua ainda não receberam o ordenado do mez de junho ultimo. Alguns cheios de familia luctam com as maiores difficuldades para occorrer á sua sustentação. O mez corrente vaé a faltar, e aquelles infelizes funcionarios, ha quasi dois mezes sem recursos, que morram de fome.

Grande infamia! Cáfila de mariolas sem dignidade e cheios de cynismo esses trôes d'alto coturno que se fartam alarvemente no suor do povo portuguez!

Invade-nos o espirito a mais profunda indignação quando vemos o parlamento auctorisar que dos cofres do paiz saia o dinheiro para solver os calotes das magestades, e se não paga regularmente aos empregados publicos, que mais trabalho levam, os seus magros vencimentos! E' este desprezo por direitos legitimos que nos faz revoltar.

O D. Luiz e toda a magna catterva realenga estão pagos em dia, quando não se lhe abonam adiantamentos.

Grandissima pouca vergonha.

Falleceu na terça feira no hospital aquelle infeliz preso de que fallámos no domingo ultimo.

Quando demos a noticia do seu melindroso estado de saude já tinha elle sido transportado para o hospital, onde viveu pouco tempo. A enfermidade havia-se ahiantado muito rapida pelas condições insalubres da prisão.

O fallecido esperava o vereditum da Relação do Porto, para onde tinha recorrido da sentença, e aquelle tribunal commutára-lhe a pena, eliminando-lhe alguns annos de degredo.

A falta d'espago inhibit-nos de chamar ha mais tempo a attenção do sr. governador civil para um facto que pela analogia que tem com o do escandaloso enterramento de Jeronymo Salgado, merece que mostremos a s. ex.ª a maneira digna e nobre como em Thomar o administrador do concelho faz manter o respeito pela lei, repellindo as demasias do ultramontanismo.

A auctoridade administrativa do concelho de Thomar procedé a investigações sobre o facto inaudito de o prior d'Asseiceira ter mandado enterrar da parte de fóra do cemiterio uma sua parochiana, recusando-se a acompanhar o cadaver, a pretexto de ter ella vivido em companhia de um indi-

viduo com quem não era casada.

Vê sr. governador civil, vê sr. Valle Guimarães com que isenção as auctoridades dignas sabem de-sfrontar e ultrajada?

Revejame, que o confronto deixa-os bem amesquinhadados.

Pairou hontem á tarde sobre nós uma trovãla bastante violenta e belta que de pouca duração o Thirram proximo da cidade algumas fiascas, mas não fizeram estragos.

Chamámos a attenção para o annuncio sob a epigraphé— A quem convier.

Lembrámos á auctoridade administrativa a conveniencia de mandar fazer montaria a uns meliantes que costumam affrontar os transeuntes na estrada d'Angeja para Aveiro, desde os Cinco Caminhos até á Fonte Nova, attacando com mais insistencia as mulheres que apascentam o gado nos limites da Quintã do Loureiro, no sitio denominado as Vallas, e na estrada de Esgueira até Taboira.

Na Quintã do Loureiro duas raparigas estão perigosamente enfermas por causa d'um susto que tiveram no domingo ultimo, em consequencia de serem surprehendas por dois sujeitos de lenço na cara, no sitio das Vallas. Dois caçadores que appareceram casualmente pozeram em fuga os ratoneiros.

Informa-nos um nosso amigo de que a sentinella que no domingo passado estava á porta d'entrada dos camarotes de sombra, na Praça de S. João, se conduzira menos regularmente com algumas pessoas, maltratando-as de palavras e chegando a apontar a espada á barriga de um homem.

O sr. delegado d'Agueda providenciou relativamente á nossa queixa da impunidade do crime das Talh'as. Foi na passada quarta feira levantado o corpo de delicto em Sever de Vouga; as testemunhas, porém, estavam muito desmemoriadas; talvez effeito das sterlinas passadas de mão para mão.

Quem merecia um figo seria o descobridor d'um exame de corpo de delicto levantado a 25 do passado junho por ferimentos na pessoa de Rosa Tavares, vendilhona ambulante, praticados por seu irmão José Joaquim Tavares, ambos de Villa Seca, da freguezia de Roccas. Testemunhas— Maria Custodia, casada, e a mulher de José da Serra, ambos de Villa Secca. A queixosa confessou mais tarde ter-se accomodado por 3.000 réis a pedido do sr. administrador de Sever.

Se o sr. juiz de direito d'Agueda peder saber d'isto.....

A.

Segundo nos referem de Ovar, um padre d'alli dissera só n'um anno a quantidade de perto de 700 missas, o que se averiguou dos recibos firmados pelo mesmo ecclesiastico e entregues aos seus freguezes.

Se o facto existe, eis um caso em que o sacerdote catholico é victima das proprias armas com que o clero impugna a liberdade religiosa.

O catholicismo é a religião official do estado. O ultrage aos canones constitue um delicto, e por isso o padre tem de responder perante os tribunaes civis por esse desrespeito á religião official.

Nada mais grutesco. De resto o acontecimento não tem nenhuma importancia, a não ser para evidenciar ainda mais a conveniencia da liberdade religiosa.

O incançavel editor portuense sr. Eduardo da Costa Santos vaé encetar, no principio do proximo mez de agosto, a publicação dos Miséraveis, de Victor Hugo, edição illustrada com as 500 gravu-

ras da edição parisiense de Eugene Huguos, com quem o sr. Costa Santos acaba de ultimar o contracto de compra, a qual consta de 5 volumes in-4.º

A traducção é a mesma com que o malogrado e talentoso jornalista portuense Antonio Rodrigues de Sousa e Silva coroou triumphantemente a brilhante reputação do seu nome, de um escriptor consumado e vernaculo. A revisão, collocação das gravuras e total coordenação da obra está confiada ao sr. Gualdino de Campos.

Com estes elementos, e nas condições de barateza, nitidez de impressão, etc., a magnifica obra de Victor Hugo apparecerá em edição preciosa, sendo digna de figurar em todas as bibliothecas.

As cidades mais populosas de Portugal, segundo os respectivos recenseamentos, apresentam as seguintes differenças de população— numeros redondos:

Table with 3 columns: City, 1864, 1878. Rows include Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Evora, Tavira.

Comparámos n'esta classe as cidades cuja população é superior a 10.000 habitantes

Agora as de menos população, mas que teem condições de vitalidade e importancia economica, são:

Table with 3 columns: City, 1864, 1878. Rows include Aveiro, Beja, Guimarães, Guarda, Portalegre, Santarém, Thomar, Lagoa, Vizeu.

A nossa linda cidade augmentou em 14 annos 777 almas, ou seja 1. por semana. Quasi estacionaria!

O irresponsavel da Baviera está peor da bola. Atacado por uma forte telha, o rei Luiz não deixa de mandar ao Landtag pedidos de dinheiro, e a camara não sabe o que ha de fazer. Tem consumido capitaes immensos nos seus palacios e acaba de dar ordem para que se construa outro que exceda em luxo e phantasia o que já possui, e que, como todos sabem, são d'uma sumptuosidade excepcional.

Os ministros teem querido repetidas vezes fallar-lhe, mas elle não sae dos seus palacios, nem consente que alguém entre n'elles, ha annos.

O governo por isso está resolvido a pedir ao rei conta das quantias que recebeu, a forçai, se preciso fór, a entrada no palacio e a submeter o soberano, como já dissemos, a um conselho de regencia.

E' um homem d'estes o chefe d'um estado! Suprema aberração do espirito humano.

Refere a Aurora do Cavado que na freguezia de S. Fins de Tammel, do concelho de Barcellos, existe uma familia de lavradores, cujo chefe por muito tempo residiu no Brazil, e que se compõe de pae, viuvo, e de quatro moços solteiros, e tres moças, todas em companhia do pae, d'um moço nos estudos superiores do Porto, e de duas filhas casadas fóra de casa. No sabbado passado começou a manifestar symptomas de loucura uma d'essas filhas casadas, e indo n'este estado visitar o pae e irmãos, a cinco d'estes, tres raparigas e dois rapazes, se communicou desde então para cá o mesmo estado de allucinação, com intervallos em que voltam ao seu estado ordinario, e todos cinco tem mais ou menos soffrido de desarranjo mental, que por pequeno espago se transmitiu tambem ao pae e aquelle irmão nos estudos. A monomania de todos os

